

**Maria Botelho**

**(Conto apresentado ao concurso “Prémio Utopia UP 2005” – categoria A)**

**Citação:** Maria Botelho, "A Nuvem", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 5 (2006). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Melinda cansara-se de esperar pelo toque do telefone que silenciosamente não toca. A luz quente e voraz fugia por entre a janela do seu quarto. Lá fora tudo parara, mas as verdes árvores reclamavam violentamente a vida e o movimento, agitando os seus braços sobre o imenso azul acima delas. O céu parecia começar a envolver o mundo numa dança destemida, ousando acordar as infinitas cores que se fundiam num som só. Harmonia. Suave sensação de harmonia.

Um precioso fio conduzia a vida novamente ao quarto. Melinda sentia-se a regressar vagarosamente da ilusão àquele momento. Levantando levemente o rosto quente, olhou o pequeno espelho pousado na branca mesa e viu-se a ser desenhada em lentas pinceladas soltas. O leve vestido de seda roçava o chão. O gato brincava nele, desafiando-o. Mas, desinteressando-se repentinamente da acesa brincadeira, seguia Melinda em passos de sombra e ía de encontro ao seu colo. Adormecia ali há cinco curtos longos anos. E amavam-se.

Dia a meio. Pé ante pé, pata após pata, pisavam os dois o pesado cinzento das ruas. Perdão. Pisavam as nuas nuvens onde agora caminhamos. Sim. Porque tudo mudou e as ruas que eram ruas são hoje nuvens onde passeamos o corpo e a alma. Passavam então pelo mundo que aprenderam a desenhar em poucos traços, talvez por mais não serem precisos, ou talvez por muitos serem demasiados. Contudo, são traços ainda pouco definidos, sobretudo no seu interior, que é sempre o mais difícil de encontrar.

Voltemos às nuvens. Nelas se pode encontrar todo o saber. E é lá que está cada pouca palavra e é nelas que está todo o silêncio dos sonhos por sonhar, prontos a serem sonhados.

Pousam Melinda e o gato na nuvem primeira, não que esta não tenha outro nome, mas só no fim o saberemos. O problema é haver tantos fins, de modo que pode ser o fim um início ou um meio. Cada uma delas, as nuvens, sente e guarda diferente saber. Esta é a nuvem onde mora o homem que pensa e não pensa. Nada mais faz. Dito assim só, pareceria que nada fazia mesmo, mas enganar-se-ia quem caísse às primeiras palavras escritas. Ou pensadas. Ou não pensadas. Sendo assim, tal homem, Pégui, conduziu a sua nuvem a um espaço oco de coisas e repleto de pensamentos, que saem e entram conforme a vontade. Aquela que move o homem. A nuvem era o seu pensador, chamava-a ele assim.

Entra Melinda no pensador pela porta da frente, atrás vai o gato. Segundo perdão. Melinda não poderia entrar pela porta da frente, simplesmente porque o então homem que não pensa esqueceu-se de a pensar. E o gato vai à frente, não atrás. Pensei eu mal. Finalmente, entram os dois pela porta de trás, que o homem havia pensado. Porta que é uma nuvem, só que de outro formato, oval talvez; de outra cor e luz, mais escura talvez (não fosse um ladrão ver um pensamento); de outro tamanho, imenso talvez; de outra espessura, a mais fina com certeza. Isto porque a porta simboliza o início ou fim de algo. Neste caso o início, e tem de se começar devagar e com pouco. Depois da porta, que uma vez passada era esquecida, choca a presença daqueles olhos calorosos da menina e moça, ainda não mulher, com a existência daquele velho filósofo pensador. Ficariam assim muito tempo, questionando-se um ao outro com o olhar, se não fosse o tempo passar, e eles esquecerem-se de o apanhar. Talvez. “Quem é esse?”, disparou Pégui apontando o dedo ao gato. Mía o gato. Responde Melinda. “É o meu gato, o gato que me ama tanto como tu amas os teus pensamentos.”

“Que sabes tu dos meus pensamentos ou do meu amor? Que sabes tu dos pensamentos ou dos não pensamentos? Que sabes tu do amor? Que sabes tu?! Tu, que sei que nem meu nome sabes nem meu ser habitas? Não fales. Ousas entrar no meu pensador. Ousas trazer esse preto pêlo pavoroso, que nem sequer ensinaste a pensar. Pára. Não penses agora. Não faças correr uma sequer lágrima por teu rosto branco. Deixa o teu instinto dançar no teu corpo enquanto o sentes a mergulhar nesta nuvem e esquece-te de mim. Das minhas duras palavras. Apenas senta-te naquele baloiço com o teu gato preto. Baloiça. Voa bem alto. Depois sim, já podes pensar.”

Melinda, agora repentinamente confrontada com as vontades e ordens daquele ser, que a tentava ler com suas perguntas curtas e cruas, não lhe sentiu sequer repulsa pela sua frieza. As palavras do velho despertaram antes em si vontade de ir para o baloiço que balança bastante.

Está Melinda no baloiço. Vai Melinda. Mexe os pés. Trás. Frente. Trás. Frente. Meio. Sempre sempre assim. Sobe! Sobe! Rápido. Mais rápido. Rapidamente rápido. Rapidíssimo. Solta-te. Esquece-te já da nuvem e afoga-te no movimento do teu corpo que conduz o teu pensamento que deves apagar. Apaga-o então. Para que assim te eleves aonde os homens temem chegar. Para que assim possas cerrar suavemente as janelas que já se abriram em teu rosto quando respiraste pela primeira vez no ventre da tua mãe. E para que depois possas cair no esquecido esquecimento do silêncio, o silêncio que hoje é surdo. Tenta ouvi-lo, baixinho, mais baixo ainda. Ele não te procura, foge sim fogosamente de ti, que o queres prender em tua memória. Por isso procura. Busca. Demanda. Pretende. Deseja. Ambiciona. Quer. Tem.

Perguntar-se-á aquele que o não tenha imaginado ainda se, além do homem que pensa e não pensa, haverá mais alguém ali, ou ainda se terá sido um pensamento do mesmo homem a murmurar tais palavras a Melinda, ou quem sabe se, num estado primo de inconsciência, a dona do gato tenha deixado transparecer a sua consciência que, sob a forma de voz humana, lhe sussurrou silenciosamente ao ouvido. Ou o gato preto de pêlo pavoroso, terá sido? Ponto final às divagações. Queira cada um imaginar o que havia sucedido ali, naquela pequena pausa do pensar, que já demasiado ocupou em cada um.

Acabado este fragmento de sonho, desceu Melinda do baloiço. O velho Pégui estava sentado num pedaço de nuvem, que havia sido pensado há instantes. A então menina fixou-se ao pé dele, imóvel, por não saber como agir. “Que estás tu a fazer?”, murmurou sem conseguir seguir os olhos dele com os seus. “Penso que estou a não fazer nada.”, ouviu de volta. Então Pégui, num só tom, convidou-a calmamente a sentar-se a seu lado, para que falassem sobre não fazer nada. Fora assim o primeiro passo daquele misterioso homem. Estranhe quem não conhece, não conheceu ou não conhecerá Pégui. Estranhe quem caiu pela segunda vez, agora na armadilha inocente que as primeiras palavras de alguém tecem. Porque nem todos sabem ser como são quando a história começa. Porque nem todos se deixam ser vistos por detrás daquilo que vestem. Porque os nem-todos são todos diferentes, e o Homem é um nem-todo.

Estavam então os dois, sentados silenciosamente lado a lado. Não se olhavam. Apenas se sentiam e ouviam um ao outro. Mais não era preciso nas nuvens. “Sabes que não fazer nada pode ser bem mais complicado do que aparenta...” declarou vagamente Pégui. Melinda, agora levemente mais leve, arriscou perguntar ao velho o que tal era. Nunca tinha ouvido três palavras tais assim, de mãos dadas: não fazer nada. O pensante continuou: “Há muito que penso e tento explicar a mim mesmo essa complexa arte, que só pelo nome nos confunde. Primeiramente julguei que o não-pensamento e tal arte de três palavras se abraçassem como a lua e o céu em noite escura. Mas vi que se não penso, então sinto, vivo ou ajo de acordo com o meu instinto, tal como o teu tão preto gato que mia. E se isto acontece, é porque então estou a fazer algo, e não a criar o nada. É por isso que pensei o baloiço onde há pouco voaste sem pensar. Para quando quiser sentir de outra maneira. Os homens que vivem nas nuvens seriam muito mais felizes se em cada uma delas houvesse um baloiço para sentir e não pensar.

Cheguei então à conclusão de que não há uma definição concreta para “não fazer nada”. O homem usa, re-usa e muito usa palavras tais, apenas por não saber o que faz, por querer negar estupidamente que somente pensar ou não pensar é fazer, ou ainda por se sentir vazio de tudo o que alguma vez existiu. Mas não os culpo. Nem julgo. Condeno-os antes por se sentirem nus e ociosos ao pensarem que nada fazem em tais momentos. Porque descobri que mesmo quando apenas sentem ou somente pensam que nada fazem estão a ser, a existir perante qualquer homem que caminhe ou não perante a nuvem. Não são ociosos mas sim Homens. Apenas ainda não o sabem.

“Quero saber pensar como tu pensas.” Disse Melinda. E foram só essas as suas palavras.

Passaram sóis e sóis e luas e estrelas desde que Melinda e o gato haviam chegado à nuvem do homem que pensa e não pensa. Digo passaram sóis, luas e estrelas porque nas nuvens que agora habitam o pouco ar e terra no mundo, não há tempo certo, não há horas impossíveis. Pelo menos nesta nuvem, que é a única que agora se pode tentar sentir. Aqui o tempo, como aliás tudo, também se pensa. Imagine-se como será nas outras nuvens: naquela onde vive o homem que diz e não diz, bebendo as palavras como pura água; na outra onde está a mulher que ouve com seus ouvidos imensos, o que diz o homem que diz e que inacreditavelmente não ouve o que não diz o mesmo homem; ainda por exemplo naquela, onde está o homem que não se sabe se o é, ele que acorda apaixonado e acaba por morrer de amor quando a noite encontra o seu fim, todos os dias que já se viveram. E, na outra mais distante, mas que de onde tudo vejo estou eu, o ser que escreve e escreve e escreve, sem que alguém o sequer imagine, o que se entende por letras, palavras, frases, parágrafos, histórias. Deveriam talvez ser estes os chamados cinco sentidos: pensar, falar, ouvir, amar e escrever. Mas seria provavelmente o caos alterar tal definição.

Pégui precisava agora de Melinda para pensar. Coisa estranha, tendo em conta que este homem sempre pensara sozinho e, falando agora em tempo que, como disse, aqui por acaso não existe, para ele

já muito deste tempo lhe havia passado pelas mãos. Sentarem--se os dois naquele pedaço de nuvem era já um hábito. E pensavam até o pensamento se esgotar, que este também tem um limite e quando se o atinge nada mais há a fazer senão parar. Porém, o dia em que Melinda adormeceu num leve sono chegou e o velho viu-se sozinho naquele espaço que lhe parecia agora não preenchido. Sentou-se no mesmo lugar, do mesmo lado, no mesmo tempo que não existe, da mesma forma, mas de espírito diferente. Do espaço quadrado transparente aberto para fora, que os dois haviam pensado para poderem ver e aprender com as outras nuvens, via-se a tempestade. Nunca tal ele tinha visto. Sopra vento. Sopra. Sopra. O vento sopra sorratamente sem silêncio no céu que vai cair. Tudo treme. Nuvens balançam. Lá, cá. Aqui, ali. Sopra. Sopra. Sem piedade. Na nuvem assustava-se Pégui que pensava ver as trevas sobre seu pensamento. Estas pousaram as mãos sobre ele. Prenderam-no. Algemaram-no, sem dó de um homem cujo pensamento já havia entregue a alguém. Acabou. E levaram-no a ele e ao corpo que habitava. Parte dele. Para sempre. Para nunca mais poderem voltar àquela nuvem.

Caía lá fora o último trovão.

Melinda acordou já a tempestade havia caído no esquecimento e nem sequer um fio desta se não quebrara. Era tudo ainda terrivelmente igual para ela, que não havia desprendido sequer seus olhos de seus pés, por já saber inconfundivelmente o caminho a tomar dentro da nuvem ou adivinhe-se que por medo, porque a consciência também sabe sentir as coisas más. Repentinamente, descobriu um pensamento que nunca havia visto, ou melhor, pensado. Pairava ele pousado no ar que o impedia de fugir também. Melinda começou a abraçá-lo com seus curiosos olhos, os quais se debatiam com a vontade de se fecharem à cor e à forma daquilo que haviam encontrado. De fora, via-se nele um turbilhão de fortes cores negras. Coisa má. Receosa, Melinda decidiu ler aquele pesado pensamento passado. Entrou nele. Viu-o. E sentiu-se cair na nuvem ao mesmo tempo que o último trovão caía pela segunda vez. Mas agora não levava Pégui pois este, seu espírito e corpo já haviam sido levados para algum lugar além das nuvens, imaginava ela onde. Foi antes Melinda levada de novo para um sono só, agora sem Pégui, que passava a existir somente em sua memória. E no coração.

Ouve-se o toque do telefone que silenciosamente não tocava. Toca. Incessantemente. Continuamente. Incansavelmente. Como se alguém quisesse acordar ou a alguém contar o segredo que tudo não passara de uma boa e má ilusão que a mente criara de modo brilhante.

Melinda sentia um leve leve ruído ao longe, que ainda não conseguia alcançar por estar envolvida agora naquele sonho, pronto a acordar. Vai abrindo, abrindo vagorosamente aqueles olhos imensos que haviam visto mais do que podiam. E começando a tocar, a sentir agora o frio chão onde seu corpo adormecera, Melinda estranha aquela rigidez, tão oposta à rigidez macia da nuvem branca. Acorda agora, mulher então, de um sopro só, assustada, por não reconhecer naquele lugar repleto de coisas, que antes chamava de casa, a nuvem onde a sua imaginação a fez habitar numa longa e curta mentira preciosa. Fica assim durante dez segundos, sim, porque agora na terra já existem segundos, minutos e horas que limitam cada ser. Agora já as ruas não são nuvens mas ruas difíceis, por onde caminhamos labirinticamente, na esperança de encontrar algo que nos preencha. Agora não existe somente o homem que pensa, o homem que diz, a mulher que ouve, o homem que ama e o que escreve, existem milhares e certamente muitos mais dos que tal expressão perfaz. E esses muitos mais criaram ainda novos sentidos que não o pensar, o falar, o ouvir, o amar e o escrever, muitos dos quais poderiam ser apagados, por apenas fazerem chorar.

Melinda já havia então percebido que tudo não passara de um sonho demasiadamente irreal, onde ela navegou ilusoriamente durante uma vida. Onde ela aprendeu a pensar. Sozinha e com Pégui. Que saudades que tinha do seu velho amigo Pégui.

E eu que tudo vi e vivi, senti e pensei, estou agora a olhar para a Melinda, a tentar ver à sua volta os pensamentos, que sinto que ainda não esqueceu, desde aquele sonho que eu também sonhei. Porque os gatos pretos que miam também sonham, e aquele foi o nosso sonho.